

FUNCIONALISMO

Luta por reajuste será longa

Categorias se reúnem com representantes do governo e saem sem a perspectiva de construção de um acordo para breve

» FERNANDA STRICKLAND

Na primeira reunião entre as categorias do funcionalismo e integrantes do governo federal, ontem, o único fato concreto observado pelos representantes das categorias é que serão lentas e árduas as negociações de um reajuste salarial. O Poder Executivo não apresentou qualquer proposta e, dessa maneira, as nuvens de uma paralisação por tempo indeterminado continuam pairando sobre a Esplanada dos Ministérios.

“Não houve nenhum avanço e as mobilizações devem se intensificar nas próximas semanas”, afirmou o coordenador do Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (Fonasefe), Sérgio Ronaldo.

A secretária de Políticas Educacionais e Culturais do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (Sinasefe), Elenira Vilela, reforçou a dificuldade de se construir um acordo. “O governo anunciou que diria se vai abrir ou não a negociação. Era mentira, como esperado. O que, na verdade, o governo se propôs a fazer foi tentar colocar a responsabilidade da administração do Orçamento nas nossas costas, além de empurrar um pouco para cima do Congresso”, criticou.

Elenira faz, ainda, um alerta: não há da parte do governo Bolsonaro qualquer disposição em negociar. “Inclusive, enquanto essa reunião acontecia, foi publicado pelo Ministério da Economia uma nota dizendo isso textualmente”, disse.

Fernanda Strickland/CB/D.A. Press



Servidores protestam na Esplanada por reajuste. Sem uma sinalização pelo governo, categorias estudam série de paralisações

Dificuldades

As dificuldades de abrir um canal de diálogo com o governo foi percebido até mesmo na convocação da reunião de ontem. Isso porque o governo não admitiu nem mesmo o chamado para o encontro. “Esclarecemos que não partiu do Ministério da Economia qualquer convocação formal dirigida às entidades representativas dos servidores

públicos federais para reunião, com o propósito de discutir a pauta de reivindicações de reajustes salariais”, disse a nota.

O texto observou, ainda, que a Secretaria de Gestão e Desempenho de Pessoal, órgão central de gestão de pessoas do Governo Federal, segue atendendo às reuniões pedidas pelos representantes do funcionalismo.

De acordo com o presidente do Fórum Nacional Permanente

de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate), Rudinei Marques, o governo federal tem até 4 de julho para conceder reajustes salariais às categorias. E isso, segundo ele, viria de duas maneiras: “A primeira forma é a recomposição inflacionária do ano em curso, limitada à inflação acumulada no momento da concessão — se isso ocorrer no final de junho, estaríamos falando de uns 5%. A segunda é a reestruturação

de tabelas salariais. Assim, está claro que o funcionalismo federal ainda tem três meses pela frente para pressionar por reajustes”, explicou, acrescentando que a intensificação das mobilizações, nesta semana, mostra que os servidores estão cientes desse calendário.

As categorias de servidores querem um reajuste mínimo de 19,99%, que representa a reposição emergencial referente às

perdas que alegam ter amargado em três anos. O governo, porém, estaria estudando formas de atendê-los de forma linear.

Nesta semana, circulou nos bastidores das negociações a possibilidade de que a União tentaria dar 5% para todos os funcionários públicos. Mas, para tanto, seria preciso uma revisão do Orçamento da União a fim de adicionar R\$ 5 bilhões para bancar o reajuste.



O governo anunciou que diria se vai abrir ou não a negociação. O que, na verdade, o governo se propôs a fazer foi tentar colocar a responsabilidade da administração do Orçamento nas nossas costas”

Elenira Vilela, secretária de Políticas Educacionais e Culturais do Sinasefe

CB.PODER

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Coutinho: guerra na Ucrânia é um problema para o cafeicultor

Café corre risco de se tornar artigo de luxo

» GABRIELA CHABALGOITY

A invasão da Ucrânia pela Rússia não deve afetar apenas o preço de commodities minerais, como petróleo e gás, mas também agrícolas. E uma das que devem sofrer com o conflito é o café — que corre o risco de se tornar um artigo de luxo. O alerta é do produtor Carlos Alberto Coutinho Filho, na entrevista de ontem no *CB.Agro*, parceria entre o *Correio Braziliense* e a TV Brasília.

Ele explicou que o tempo de duração na guerra no Leste Europeu ditará se o café continua ou torna-se raro na mesa dos brasileiros. “Se a situação continuar, teremos uma redução da oferta dos produtos. Os países que estão em guerra exportam fertilizantes a base de petróleo, e isso acarreta na dificuldade de importação brasileira desses mesmos produtos. O resultado disso é o aumento de preços, a diminuição da produtividade e, consequentemente, da produção”, observou.

Com a crise dos fertilizantes, o cenário do café é o mesmo que o de outros produtos agrícolas, que estarão em risco a partir de outubro — esta é o limite de duração, fixado pelos especialistas, para o estoque do insumo disponível no país. “O ciclo do café é anual no Brasil: começa em maio e termina em agosto. É um período que consome fertilizante. Mas o período que

mais se utiliza é logo depois da colheita, que estará no limite do estoque. Vamos depender do futuro e das questões da guerra”, previu.

Solo árido

Coutinho não se arriscou a prever as futuras safras, pois trabalha com o horizonte do estoque atual de adubo. Mas ele salienta que, no caso da produção de café no Distrito Federal, o panorama se complica devido às condições do solo do Cerrado — que, como lembrou, é mais pobre e requer maior cuidado e investimento.

“(O solo) é muito ácido e pobre. É necessária uma reposição maior de nutrientes do que em outras regiões”, observou.

Até mesmo a questão da falta de titularidade de terras impacta a produção de café no DF, porém Coutinho enxerga luz no fim do túnel. “Tivemos a regularização de alguns locais e esperamos que tudo isso ocorra para todos os produtores”, disse.

O produtor, porém, ressalta que o cafeicultor tem, hoje, um grande aliado: a tecnologia. “Ajudou tanto os médios quanto os grandes produtores com máquinas melhores, condições de avaliação de solos, por meio de cooperativas”, salientou.

*Estagiária sob a supervisão de Fábio Grecchi

Nestes 70 anos, temos muita história pra contar.



Os Lions Clubs estão completando 70 anos de presença no Brasil.

Os Lions Clubs, Leo Clubs e Clube de Castores, atuam voluntariamente em prol das suas comunidades; atendendo as necessidades humanas, fomentando a paz, e promovendo a compreensão mundial.

São quase 50 mil associados, em 1,9 mil Lions e Leo Clubs; 4 Distritos Múltiplos, e 28 Distritos geográficos distribuídos por todo o país.

No mundo, são mais de 1,4 milhões de associados, espalhados por 220 nações, dedicando-se a causas globais como Visão, Diabetes, Fome, Câncer Infantil, e Meio Ambiente.

Nossos Leões e Leos atuam também em áreas como: Educação, Saúde, Assistência Social, Cultura, Civismo e Cidadania.

Em um sem número de projetos e atividades permanentes; obras físicas; campanhas próprias e em parceria; convênios com entes públicos, privados e do terceiro setor. Praças, abrigos, albergues, creches, centros comunitários, parques, escolas, e outras iniciativas.

São inúmeras histórias para contar em 7 décadas. Histórias que ajudaram a transformar vidas, pessoas e comunidades.

Venha saber mais sobre o Leonismo e descubra o Lions Clube e o Leo Clube mais perto de você em www.lionsclubes70anosdebrasil.com.br



Lions Clubs International

Nós Servimos. Pelo Brasil.

